

O futuro presidente e as mulheres

» SILVINA RAMAL

Mestre em administração de empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), empreendedora, pós-graduada em comércio internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e escritora

Como os candidatos a presidente vão tratar as mulheres? O objetivo deste artigo é fazer um exercício para verificar como o tema mulheres é tratado pelos candidatos que disputam o segundo turno da Presidência do país. Ele pode ser replicado para qualquer outro tema de interesse.

As mulheres hoje são chefes de família em 48% dos lares brasileiros segundo o IBGE, o que significa que são as principais responsáveis, e em numerosas vezes, as únicas, pelo sustento da família. Essas mulheres provedoras enfrentam desafios muito concretos.

A situação da maternidade funciona como um freio para a carreira. Segundo pesquisa do site Trocando Fraldas, de cada sete mulheres, três são demitidas quando voltam do período de licença maternidade. Outro estudo mostra que uma parte significativa dos empregadores não acredita na capacidade da mulher em retomar suas responsabilidades no trabalho enquanto cuidam de filhos pequenos. Afinal, as mulheres ainda são as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado dos filhos.

O segundo grande desafio é com quem deixar as crianças quando se está trabalhando. O sistema de creches público ainda precisa estender-se significativamente, e o sistema privado é caro e com qualidade variável. Finalmente, a questão da segurança pública é um desafio para a mulher que precisa não só deixar seus filhos em casa, mas também ir e vir ao trabalho, podendo ser vítima de assaltos e outras situações de violência.

Esses são os pontos destacados em diversas conversas que mantive com profissionais mulheres. Agora, vamos comparar o que elas demandam com o que os dois candidatos do segundo turno oferecem, de acordo com seus planos de governo.

Vemos que os planos, de forma muito diferente, levantam questões sobre promover o empreendedorismo feminino, a capacitação profissional, a geração de empregos para mulheres e a ampliação da rede de creches públicas. Também falam da importância de garantir a segurança desse público, dando destaque à questão dos feminicídios.

Eu me pergunto se você sabia que todos esses pontos estão contemplados nos planos de governo dos candidatos. Ler os planos é fundamental para votar com conhecimento de causa, verificando a forma como cada um pretende atuar. Os planos estão disponíveis para download na internet. Não se pode confiar só no que se ouve de outras pessoas, é preciso ter contato direto com a informação. Ao longo da campanha, a interação com os candidatos pode ser bastante superficial.

Nos debates na televisão, os candidatos têm pouco tempo para falar de temas profundos e complexos, e parte dos preciosos minutos ainda é gasta com provocações e réplicas. O outro contato mais próximo se dá na propaganda

eleitoral gratuita, mas essa precisa ter uma linguagem dinâmica e leve, típica do rádio e da televisão, e caber no tempo estipulado. Além de ler esses planos, verifique a experiência passada dos candidatos em suas gestões anteriores, o que conseguiram na prática de melhorias para o público feminino.

Finalmente, o trabalho não acaba com as eleições. Pode ser que o candidato eleito seja o seu preferido ou não. Mas o fato é que ele assumiu um compromisso com a população brasileira como um todo quando apresentou seu plano de governo. Cabe às mulheres organizarem-se para cobrar o vencedor para que cumpra o que prometeu, sob pena de perder votos nas próximas eleições.

É assim que tem que funcionar a democracia para que trabalhe a favor das eleitoras. Precisamos direcionar o debate para nossas necessidades. A discussão acalorada e polarizada muitas vezes nos desvia do que faz diferença em nossa vida e dá liberdade para o político atuar sem ser cobrado no que realmente importa. Quando acompanhamos o trabalho e exercemos pressão para que as promessas sejam cumpridas, usamos a ferramenta da democracia de modo a tornar aquele governo mais afinado com nossos interesses, independente de ser o candidato que votamos ou não. Nessas eleições, e nas próximas que virão, as mulheres precisam se unir e trazer para o debate as questões que fazem real diferença na vida.



A ciência, por um instante, sonha

» ANDRE KAURIC DE CAMPOS

Jornalista científico e doutor em comunicação pública da ciência, tecnologia e inovação

Haverá quem saiba transformar a luta dos cientistas e dos pesquisadores contra o vírus em um marco político, social e econômico para a ciência brasileira. Uma oportunidade de ouro, capaz de arrastar multidões daqui para a frente em defesa do conhecimento. Início do sonho. As pessoas podem estar despertando para a ciência. A ciência deixa de ser dândi e blasé e, finalmente, vira propriedade nacional autêntica do povo brasileiro.

É um caminho sem volta. Quando algo começa a atrair grande público, passa a ser cobinado e bem remunerado. Com a credibilidade, o patamar de investimento é outro. Infraestrutura, incentivos e criação de centros, órgãos, instituições de pesquisa estaduais e regionais. Formação de mestres, doutores e equipe técnica. Geração de ciência, tecnologia e inovação continuada e sustentável. Sempre em parceria com a indústria e as empresas.

Com a massificação, a ciência passa a ter importância política. Já pensou? O uso político da ciência, não mais o uso manipulativo da ciência por políticos. A ciência como critério

chave para a mobilização do eleitorado. E o que dizer daquele célebre e ultrapassado discurso político: "Mais vale investir em massa asfáltica para tapar buraco do que investir em ciência e tecnologia"?

Mais ainda. Uma cultura científica em plena ascensão no país do futebol, da música, da telenovela. Que tal? Feiras científicas e olimpíadas do conhecimento arrefecendo a economia de diversas cidades do Brasil. Eventos de divulgação científica despertando atenção, interesse, conhecimento, curiosidade e números assim como qualquer evento de e-sport ou edição do BBB. Uma comunidade engajada, consciente, crítica e participativa das tecnologias e inovações.

Ter a melhor ciência do mundo ou top em três diversas áreas do conhecimento vai virar obsessão. A cada ano um brasileiro entre os três indicados de alguma categoria do Nobel, assim como no prêmio de melhor jogador da Fifa ou filme indicado ao Oscar. Fim do sonho.

Até agora não passa de um sonho. Os arautos midiáticos da pandemia informativa do vírus reinam e contaminam a imagem pública

da ciência. Especulam resultados de estudos e pesquisas ainda em andamento, ignoram o posicionamento das principais instituições científicas e interpretam de forma deturpada as vozes dos principais representantes da ciência brasileira. Aliás, a ciência parece não ter voz. Está encurralada, refém e facilmente sufocada por qualquer opinião da aldeia global.

As instituições que fazem pesquisa e defendem o progresso brasileiro via ciência precisam se unir e adotar um posicionamento mais agressivo. É preciso um pacto de comunicação público audacioso, para além dos discursos institucionais e burocráticos. Diga-se de passagem, até o momento, tão invisíveis e silenciosos. É preciso fazer barulho e se comunicar. E não estou falando de palmas na sacada ou cartas com milhares de assinaturas. Algo mais ambicioso, destinado à população.

Será esse o momento da maturidade científica da democracia brasileira? Quem ou qual grupo ou instituição será capaz de transformar esse momento em um marco? A ciência brasileira é muito grande e precisa mostrar seu valor. O sonho pode virar realidade.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Psicologia das massas e eleições

Alguns historiadores afirmam que o povo é, no lento movimentar da roda humana no vale do tempo, uma porção de ninguém, semelhante as areias de um imenso e árido deserto. Levado ao sabor dos ventos, vai de um lado para outro sem resistências. A constatação, um tanto cruel, não pode, por seu realismo factual, ser contraposta.

De fato, as massas, ao longo da história, sempre demonstraram não ter sentimento genuíno ou sede pela verdade. Apenas uns poucos indivíduos parecem movidos pelo desejo da verdade. Mas de tão poucos, quase nunca são notados. Essa movimentação das massas pelos ventos da ilusão se dá, provavelmente, pelo fato de que a realidade é sempre inóspita e pronta a desmanchar sonhos e fantasias.

Talvez pela própria condição humana de idealizar o futuro como um tempo melhor do que o presente, as massas seguem em sonhos. Com isso, elas tendem a fugir léguas de tudo que não lhes traga satisfação e gozo. Cortejam as mentiras cómodas, pois são elas que fornecem os alicerces para as ilusões. Seguem cegas os que recitam fantasias. Adoram, por isso, as artes, as drogas, as bebidas, os saltimbancos e os circos e tudo que possa trazer distração e alheamento do cotidiano. Talvez, por isso, os vendedores de ilusões se dão tão bem nas massas. Com eles, as pessoas hipnotizadas como estátuas de orelhas moucas, seguem mansas como ovelhas, rumo ao incerto jardim. Por isso mesmo, todos aqueles que ousam sacudir as massas, para que acordem e saiam do transe e do feitiço ilusório, é logo apontado como inimigo a ser posto de lado imediatamente.

Nossos políticos, à semelhança do flautista de Hamelin, dos irmãos Grimm, hipnotizam as massas com suas melodias encantatórias, para depois lançá-las, sem remorsos, direto ao abismo. Mesmo lá, aqueles que sobrevivem ainda aguardam e sonham com o retorno do flautista. Esse transe coletivo é fruto da vida em sociedade e sua principal característica.

Os políticos e os prestidigitadores da realidade conhecem essa fraqueza das massas e exploram-na como ninguém. De outra forma, como entender o fato de que nessas eleições dezenas de milhões de votos sejam dados a determinados candidatos que sequer se deram ao trabalho de apresentar programas de governo? Candidatos que, em outras oportunidades, lançaram a nação, sem remorsos, direto ao abismo.

A explicação para fatos psicológicos dessa natureza reside muito além da simples junção da alienação com uma espécie de masoquismo coletivo. O prazer de ser ludibriado é sempre maior do que a dor e o sofrimento que vem como consequência. Submetidas aos encantamentos da retórica política e ao prazer que ela parece provocar em todos, o melhor destino para as massas é sempre se prostrar aos pés de seus ídolos, mesmo que eles se revelem os verdadeiros lobos. É da psicologia das massas.

» A frase que foi pronunciada

“Uma das características mais constantes das crenças é a sua intolerância. Quanto mais forte a crença, maior sua intolerância. Homens dominados por uma certeza não podem tolerar aqueles que não a aceitam.”

Gustavo Le Bon

Finanças

» Ao pagar uma conta de água ou de luz, o detalhe discriminando no comprovante de pagamento como Caesb ou Neoenergia ajuda o contribuinte a se organizar. No caso de IPTU, ITCD, IPVA e outros, não há discriminação, apenas a indicação “GDF conta arrecadação”, o que deixa o contribuinte confuso sem saber ao certo o que pagou. Hora de mudar.

Científico

» Análises sobre os institutos de pesquisas sugerem que possa existir um padrão científico desconhecido da comunidade acadêmica. No sábado (1º), um dia antes do primeiro turno, Lula tinha 50% das intenções de votos válidos, enquanto Bolsonaro aparecia com 36%, segundo pesquisa Datafolha. No mesmo dia, a pesquisa Globo/Ipec mostrou o petista com 51%, e o presidente, com 37%. O resultado foi bem diferente e extrapolou a margem de erro de 2%.

Mais leis

» A cada ação, uma reação. O deputado federal Ricardo Barros, líder do governo na Câmara, vai propor um projeto de lei para criminalizar institutos de pesquisa que divulgarem levantamentos que sejam diferentes do resultado das urnas — considerando a margem de erro estipulada pela própria entidade. Ele propõe no projeto que a pesquisa publicada na véspera da eleição que extrapolar a margem de erro será considerada criminosa e o responsável pelo instituto será punido com cadeia e multa.

» História de Brasília

As professoras de Brasília estão sofrendo terrível perseguição da maioria dos membros da Fundação Educacional. Aumentaram as horas de trabalho, e os vencimentos poderão sofrer redução. (Publicada em 11/3/1962)